ANNO DE 1831. SABBADO 19 DE FEVEREIRO. NUMERO 40

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se mensalmente a 640 reis pagos adiantados, na Typografia Fidedigna, na loja de Livreiro de Manoel Marques Vianna, Rua da Penha a ilharga do Livramento D. 23, e em casa do Editor, rua Direita, n. 267; em cujos lugares tambem se receberão correspondencias, e anuncios: estes inserem-se gratis, sendo de assignantes, vindo assignados, e com o lugar da morada, e seraõ publicados no dia immediato ao da entrega, sendo esta feita até o meio dia e vindo rezumidos.

PERNAMBUCO; NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA, RUA DAS FLORES, N. 18. 1831.

COMUNICADO.

SATISFAÇAMOS em fim ao Redactor do Constitucional; offereçamos novos alimentos á sua *vastissima fecundidade litteraria;* demos-lhe a importancia, que elle tanto almeja, e ao mesmo tempo facilitemos-lhe a occaziaõ de fazer alguns serviços a quem lh' os pode largamente recompensar, principalmente sabendo nós, que o seu fito não he a victoria desta interesante que tão, mas sim o dezempenho da tarefa puramente material, que lhe foi commettida, de intupir suas columnas de phases, que associadas d' este ou d' aquelle modo queirão sempre diser, em ultimo rezultado — O Exm. Sr. Hollanda deve ser re-eleito — Realizado isto, está dezempenhada a incumbencia, e dezempenhada esta, tratar-se ha dos agredecimentos: se porem se malograrem seus esforços n'esta nobre empreza, não dezacôroçôe o Redactor do Constitucional; por quanto elle deve saber com o Poeta Francez, que — dans um noble projet on tombe noblement.

Sem nos demorarmos pois em oturbilhão de reflexoens, que nos sugere o volumozo papelorio, que o Constitucional nos offerece em o seu n.° 14 e menos ainda em assinalarmos as irregularidades gramaticaes, que formigão n'esse grosseiro alinhavado de absurdos, como por exemplo, principiar o Redactor sem dar verbo ao agente, a que se refere o adjectivo sensivel, propor-se de refutar, e não a refutar, e afim mil outros erros proprios de um Escritor, que so serve de *macaquiar* o estillo de alguns outros empregando termos cujo valor desconhece as vezes; sem nos demorarmos pois em outras quaes quer observações, entremos em materia, e aventemos os aleives e embustes, que o referido Redator dardeja não so sobre a nossa pessoa, como a do nosso particular amigo, que elle gratuitamente supoem ser o Redator das reflexões insertas no Diario n.° 34 para podel-o assim calumniar, e doestar; esquecendo-se de que em tempos não mui remotos muitas vezes servio-se da nossa penna bem que por extremo debil, e em nada comparavel á sua, cuja facdudia nos he familiar, pedindo-nos que escrevessé-mos sobre taes e taes objectos.

Nada há mais notavel do que a hypocrisia jezuitica, com que o Redactor do Constitucional inceta o seu interminavel artigo: depois de affirmar, e protestar, que não he sua intenção offender o nosso melindre, e que jamais *alçara' a mão* contra nós (naturalmente para nos dar pancadas) insulta-nos grosseiramente na insulsa, e mal vestida irronia em que elle diz que só o amor da Patria nos podia obrigar a escrever contra elle, dando a entender, que nòs como elle, estamos influenciados por motivos secretos. Não sei por que fatalidade o Redactor do Constitucional se julga authorisado a agredir a todo o mundo sem que sobre elle tenhão o direito de reagir. Talvez seja em virtude da austera *impecabilidade* de sua conducta publica = vanitas vanitatum, et omnia vanitas — Mas isto he huma pequena amostra do panno: onde elle mais parece subir ao ponto o mais eminente do insulto, é da inconsequencia he quando avança gratuitamente que nós imitamos a marcha tortuosa do Cruzeiro, e na mesma occasião, no mesmo periodo; assim como ao depois em todas as linhas, para achincalhar o nosso amigo, que está certamente a cima das injurias do Cruzeiro, serve-se do termo *eloquente e eloquentissimo*, com que o Cruzeiro aludindo, com ironico amargor, á certa passagem do Diario, tentou rediculizal-o, chocado, ja se sabe, da firmesa e denodo, com que fôra por elle rechaçado, e batido em mais de huma circunstancia. Perguntaremos agora ao Constitucional qual de nós imita o Cruzeiro; qual de nós se serve das ervadas armas d' este abominavel Periodico para offender aos liberaes; qual de nós emprega suas ironias grosseiras, suas odiosas invectivas ¿ Já hoje o nosso amigo he eloquente por ironia ! Não hera assim em certo tempo, em que debaixo do nome do Redactor do Constitucional publicava alguns artigos, que o referido Redactor se apressava tanto mais

em dar ao prelo quanto n'elles fallava da maneira a mais laudativa! Mas que diser a cerca da instabilidade das couzas humanas? Tempora mutantur, et nos mutamur in illis —

Continue, progrida, e aventage-se o Constitucional em a gloriosa estrada, em que ja deo os primeiros passos; ataque e insulte os liberaes com as mesmas expressões, com as mesmas armas do Cruzeiro; defenda, justifique, e exalte o Sr. Lamenha depois de havel-o acerbamente censurado; avance que só ha suspeitas infundadas a seu respeito, quando pelos factos de se ter centralisado no gremio mesmo da Columna associando-se aos mais impetuosos membros desta vergonhosa reunião, de haver maltratado os benemeritos Officiaes indigitados como liberaes, não haver illuminado a casa na vespera do fausto dia 7 de Setembro, nem dado vivas a Constituição em o dia 12 de Outubro, destruio completamente, desde os primeiros dias de sua residencia n'esta Cidade, qualquer scepticismo, que a este respeito podesse ainda haver. Continue o Constitucional, nós o repetimos, a obrar, e escrever d'esta guisa, e brevemente veremos surgir das suas ignominiosas cinsas hum novo Cruseiro ou hum digno substituto do Amigo do Povo. — Entremos no corpo do artigo, e forçados a sermos laconicos, nem por isso deixemos de fazer assomar a verdade em toda sua perspicuidade —: todavia notemos, que responderemos somente á aquillo que nos parecer digno de resposta —

Despresando as injurias de que elle salpica todo o seu compridissimo artigo, escrito com tanto affan, e com tão pouca logica, ou imparcialidade, tratemos de huma increpação, que nos faz o Constitucional. Diz-nos esta folha, que nada dissemos a cerca das theses, que estabelecemos, e so sim fallamos de *pertenções financeiras*, que elle nega, ou de promessas emphaticas, que elle contesta. He necessario estar completamente hallucinado, para avançar o que o Constitucional com tanto despeito nos dirige. Dizer que nada dissemos em apoyo da nossa opinião quando nós fomos até mesmo prolixos tratando em particular de cada ponto, em que fundamos a nossa opinião! Avançar que nós deixamos as nossas assersões despidas de toda a prova; nos que provamos ate a ultima evidencia que o Exm. Sr. Hollanda de forma alguma devia ser re-eleito! Ouzar negar, que não havia prometido com emphase o tecido de desparates, com que no seu numero 11 enchovalhou, e denegrio o prelo, tendo-nos elle dito, que no supracitado artigo nos havia completamente pulverisado! Ouzar diser que nenhuma pertenção tem na Corte sabendo nós que ao nosso amigo o Padre Venancio Henrique de Resende elle recomendou que cuidasse na Corte de hum requerimento, em que pedia huma gratificação, como a que com tanta justiça se concedera ao Sr. Doutor Matias Carneiro Leão, requerimento que até sabemos quem o fez! Confessemos que tanto desembaraço, tanta parcialidade, sobrepujão os limites da nossa expectação!!! Maldito interesse, que obriga o homem a praticar acções as veses reprovadas pelo seu proprio coração! Mas quanto he fraco o homem, que a elle cede maculando sua reputação, torcendo sua consciencia, offendendo a amisade, e suffocando as vozes do seu coração! Passemos alem.

Nada ha mais mizeravel do que a explicação que dá o Constitucional a quantidade extraordinaria de exemplares, que mandara imprimir, do Constitucional n.° 8, e igualmente a resposta evaziva, que dá ao que nos dissemos a cerca do que elle avançara relativamente a re-eleição improvisada do Exm. Sr. Hollanda, que elle recomenda: hera muito melhor negar o facto, assim como elle mais de uma vez tem feito a despeito da maior evidencia, do que explical-o tão mizeravelmente— Diz o Constitucional, que, se imprimiou um numero maior de exemplares, foi porque o Publico anciosamente procurava o d'aquelle dia: de maneira que ja antes o Redactor sabia que o seu chefe d'obra havia de ser procurado, e tanto assim que fez imprimir um maior numero; e que quanto a dizer que os Eleitores em vez de se decidirem de improviso pela re-eleição do Exm. Sr. Hollanda, a tem posto em problema, elle merece mil encomios; porque isto quer dizer simplesmente que elles se devem dar « *á discussão dessa materia sem se cruzarem de improviso, como sempre o tem feito, re-elegendo quantos Deputados tem sido nomeados Ministros sem exame algum* » Hum tal excesso de desvario, uma tal firmeza em inverter os termos, commutar o sentido, e invectivar, não tem a mais pequena resposta. Se ha convicção nos affirmamos que o Redactor do Constitucional está completamente alienado; se não ha nos avançamos, que elle he o homem o mais ouzado, que em todo o mundo tem apparecido. Que desgraçadas evazivas; que mizeraveis subterfugios! que calamitozas argucias! E não quer o Redactor que lhe chamemos hypocrita politico! Mas vamos a cousa ainda melhor. Depois de

haver negado *aos pes juntos* que quizesse ou desejasse a re-eleição do Exm. Sr. Hollanda (como se houvesse alguma criminalidade em um facto tal) energicamente apertado, e pungido pela força das nossas razões, confessa finalmente que com effeito elle quer que o Exm. Hollanda seja re-eleito; e para justificar-se pergunta onde está o crime? Em estado ja de não poder occultar ter sido o vehiculo para o mato de emissões de folhas, de ter grandemente, digamos antes pequenamente, interferido na re-eleição do Exm. Sr. Hollanda, fas àinda a mesma estolida pergunta, onde está o crime? Finalmente contradizendo-se claramente, e confessando ter fallado com alguns Eleitores acerca do Exm. Sr. Hollanda, vem ainda com o mesmo estribilho, onde está o crime? A pezar do habito, em que está o Constitucional de negar factos provados, de illudir as questões, e calar argumentos oppostos; confessemos que a sua proficiencia nest'arte, he summamente pequena. O Redactor tem desembaraço e mesmo audacia, porem engenho, podemos dizer que nenhum. Na verdade nos o que queriamos hera que elle confessasse o que elle justamente agora confessa, e que tanto tempo negou, e nunca foi da nossa intenção censural o, bem que tivessemos algum direito de o fazer, visto que a sua opinião a tal respeito tinha por bazes motivos particulares e não pura franqueza de consciencia. Mas como o mesmo Redactor acaba de confessar humildemente que he exactissimo tudo quanto avançamos, nosjulgamos não so falta de generosidade, mas ate inclemencia perseguil-o mais sobre este ponto, e lleva-o por assim dizer a mão ateo ultimo desenvolvimento dos factos, que actualmente nos occupão, mormente devendo nos dizer algumas palavras acerca da alta questão de Direito Publico em que o Redactor se emaranhou. Em primeiro lugar affirmamos ao Redactor, que elle não nos offusca com o seu emprestado brilho de erudição: nada ha mais ridiculo de que ver o Constitucional desenvolver em um tom verdadeiramente pedagogico uma doutrina, que está hoje ao alcance de todos, e para isto citar a authoridade de Clermont Tonerre, Bentham, e Benjamin Constant. Quem desconhece que todos ou quaze todos os Publicistas traçando hypotheticamente o plano dos governos representativos emittem esta doutrina? Mas quem não sabe tãobem que o mesmo Benjamin Constant disse no seu mesmo curso de politica que os Ministros andão sempre em opposição com o Povo? Quem iguora que mais de cem vezes na Tribuna da França elle desenvolveu, e provou etsa assersão? Quem desconhece que Bentham, o analytico e pozitivo Bentham diz mil vezes que he necessario ter toda a cautela com os membros do poder executivo, afim de que estes não preponderem sobre o Legislativo, e mesmo não fação nelle escandalozas invasões? Quanto a opiniao de Clermont Tonerre soffra o Constitucional que lhe digamos, que nenhuma credibilidade nos merece; por isso que ainda nos lembramos que foi este celebre Publicista quem despontou a terreivel idea do poder real, que debaixo de tantas formas nos vemos reproduzido em algumas Constituições modernas. Se os Governos fossem todos regulares, e instituidos segundo os principios naturaes, que regem, ou mais exactamente fallando, devem reger essas especies de associações; se os agentes do poder convencidos da reciprocidade, que deve servir de baze aos interesses dos membros da sociedade, obrassem sempre de accordo com as maximas immutaveis do direito natural; então poderiamos admettir, que os interesses do Governo são realmente identicos com os do Povo. Mas que Governo ac hao Cõstitucional, que seguie segundo estes bellos e philosophicos principios? Em qual não vê elle um sistema de conspiração, e de escravidão mais ou menos desfarçado? Será por ventura o do Brasil por se ahi achar o Exm. Sr. Hollanda? So pensal-o seria por extremo bestial, e ridiculo. Dizer, por tanto, que os interesses do Governo são praticamente oppostos aos do Povo; he avançar uma proposição, que a experiencia de todos os seculos exuberantemente comprova; dizer que os governantes em parte alguma deixarão de maquinar contra as liberdades e direitos dos Governados, he emittir uma assersão que se acha mais que demõstrada pela historia de todos os governos, mesmo aquelles em que tem havido maior doze de liberdade, e mais claramente constituidos sobre as bazes ou fundamentos da rasão e da justiça, como por exemplo o da Inglaterra onde constantemente observamos a tyrania, ou a prepotencia tanto no tempo dos Yorcks, dos Tudors, e dos Stuarts, como na celebre dictadura do machavelico Cromwell, ou mesmo imperando a dinastia de Brunswick-Hanover. Applicando agora estas noções ao caso, que nos occupa, avancemos francamente, que o Exm. Sr. Hollanda hade conduzir-se como os outros Ministros, segregando-se inteiramente do Povo, a quem elle ja não pertence, e que re-elegel o he evidentemente collocar no augusto recinto da

Camara electiva mais um defensor do Governo.

Mas nos observanos, que destrahidos com os errôres do Constitucional, nos demos' mais longôr do que projectavamos ao nosso communicado; basta pois por agora: com tudo antes de o concluir não nos esqueçamos de assegurar ao Constitucional, que não havendo nos, como elle, esgotado a materia de que tratamos, estamos prontos a de novo provar tudo quanto a respeito do Exm. Senhor Hollanda racionalmente avançamos, e que jamais trepidaremos em responder as snas Diatribes, qual quer que seja o fel de que ellas venhão borrifadas, qual quer que seja o veneno que sobre ella derramarem a calumnia ou a intriga.

NAVIOS A CARGA.

PARA LONDRES.

A Barca Inglesa *Minerva* sahirá impreterivelmente no dia 28 do Corrente mez; falta para completar a quantidade do assucar, 50 ate 60 caixas, pode tambem receber algum algodão ou coiros, quem quizer nella carregar dirija-se aos seus consignatarios, Russel Mellors e C.

VENDAS.

UM moleque, Angola, 18 annos, compra, e cosinha o diario para uma casa, e so tem o defeito de demorar-se na rua: na rua das Flores n.° 17, e se troca por uma preta que sirva para o serviço de uma familia.

– Um criolo, robusto, acostumado ao serviço de engenho, bom trabalhador de enxada carreiro, e serrador: na rua do Queimado loja de ferrage n.° 66.

– A propriedade Ribeiro-Fundo, que foi do fallescido Coronel Miguel Joaquim de Almeida Catanho, distante da Villa do Limoeiro uma legoa, optimo e sufficiente terreno para qualquer lavoira casa de vivenda e cercado: na rua Nova sobrado ao pe da Conceição 1.° audar.

AVIZOS PARTICULARES.

PRetende-se estabelecer uma Aula particular de primeiras Letras, em a rua das trinxeiras, ao entrar pela Matriz do lado direito caza D. 5 na qual vai o Anunciante ensinar, (essencialmente a mocidade pobre, segundo o methodo moderno, com certeza, clareza, e individuação) a ler, escrever, e contar as quatro especias, a saber somar, diminuir, multiplicar, e repartir, a doutrina Christã, ajudar Missa conforme a Ordem Romana etc. a lem do mais que o Anuciante for lembrando, e julgar util, e interessante para maior illustração da mesma mocidade em geral, e em particular dos seus Alumnos. Todo o Pai de familia pobre, que se quiser utilisar do limitado prestimo do Anunciante, derija-se a rua, e caza anunciada a entender-se com o mesmo, cuja abertura hade-se verificar em o 1.° do futuro mez de Março do corrente; tarefa, que promette elle desempenhar não só com todas as forsas, como com tudo o mais quanto da sua parte, e alcanse estiver para bem, e eduação da dita mocidade.

--Quem precizar de um homem para caixeiro de rua ou Escritorio, ou para administrador de algum Engenho. onde pode juntamente ensinar alguns meninos as primeiras letras, pois tem perfeito conhecimento do idioma Portugues, e é de boa conducta, anuncie-se por este Diario.

Preciza-se de uma mulher branca, ou parda, honesta, e bem morigerada para fazer companhia a uma Senhora, cazada e com familia, e dirigir a caza, na rua das Cruzes sobrado de dois andares D. 16.

NOTICIAS MARITIMAS.

Navios entrados no dia 17.

– Londres; 53 dias; G. Ing. *Solway*, Cap. Rob. Cant; em lastro: a Smith e Lancaster.

– Rio de Janeiro por Bahia e Jaraguá; 42 dias, e do ultimo por 3; Paq. N. *Imperial Pedro*, com o 1.° Tenente Augusto Vencesláo da Silva Lisboa.

– Liverpool; 45 dias; B. Ing. *Adventure*, Cap. Joseph Yates: fazendas: á Nicolao Otto-Bieber e C. Passageiros – Thomas Thomas, e Joze Bernardo de Figueredo com sua mulher.

Entrados no dia 18.

– Baltimore; 33 dias; E. Amer. *Laura et Mary*, Cap. J. M. Guire: fasendas e outros generos: a L. G. Ferreira a Mansfield.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA. 1831.